

Catequeses Teresianas

XIII

A proposta das terceiras Moradas leva a pessoa mais para o interior de si própria, em ordem a desmascarar o *eu* e a aceitar serenamente a sua grandeza e a sua pobreza. O jovem rico está excessivamente centrado no seu *eu*, sem considerar suficientemente o *outro* que o chamava.

Evocava o mito grego de Narciso, famoso pela sua beleza. Soberbo, insensível, cruel, desdenhava todos os que o amavam. Todos o amavam, ele não amava ninguém, nem deixava que o amassem. Só um jovem não desistiu de o amar. Então Narciso deu-lhe uma espada para que se matasse. O jovem obedeceu e trespassou-se, tendo antes invocado os deuses para obter uma justa vingança. A vingança cumpriu-se quando Narciso, contemplando a própria beleza numa fonte, ficou encantado da imagem reflectida no espelho de água, enamorando-se perdidamente dela, sem saber num primeiro momento que se tratava de si próprio. Perdido de amor, tentava abraçar a imagem, mas, sempre que tocava o lago, ela quebrava-se, desfazia-se nas suas mãos. Dando-se conta da impossibilidade de amar a imagem, tomado de desespero e desfeito de arrependimento pelo que tinha feito, pegou na espada que tinha dado ao jovem e matou-se. Da terra irrigada do seu sangue rebentou pela primeira vez a bela flor conhecida como *Narciso*.

O mito, pela sua linguagem figurativa, fala muito alto. Narciso é uma pessoa enamorada de si mesma, que cai no erro de confundir-se com a própria imagem no lago. Apaixona-se por um ideal que está dentro de si mesma e que ela projecta egoisticamente sobre o objecto da sua paixão. Reflecte aquele que não se decide a seguir Jesus. Vê as pessoas e os acontecimentos à sua imagem, com a cor dos seus óculos, segundo as suas conveniências.

Mas o mito vai mais longe. Logo que Narciso percebe que aquela paixão é impossível e ilusória, resolve morrer, isto é, transformar-se, deixar de ser a falsidade que projecta no que vê. A flor que brota do seu sangue é a nova pessoa resultante da transformação, fazendo-a retornar à pureza, ao original, ao que realmente é ou deve ser.

Narciso é a figura do amor por si mesmo. Mas é também a nossa tendência humana para depositar a nossa imagem, o nosso reflexo, em tudo o que vemos, deturpando as coisas e as pessoas. Tendemos a projectar o nosso mundo interior naquilo que vemos à nossa volta. Como fez Narciso, precisamos de matar essa visão distorcida, egoísta, tendenciosa; precisamos de renunciar a ela, para então surgir a visão real, pura e bela... como a flor do narciso. Uma vida descentrada do *eu* para ir ao encontro do outro abandona o narcisismo e humaniza-se mais: por isso, diviniza-se.

P. Armindo Vaz, OCD